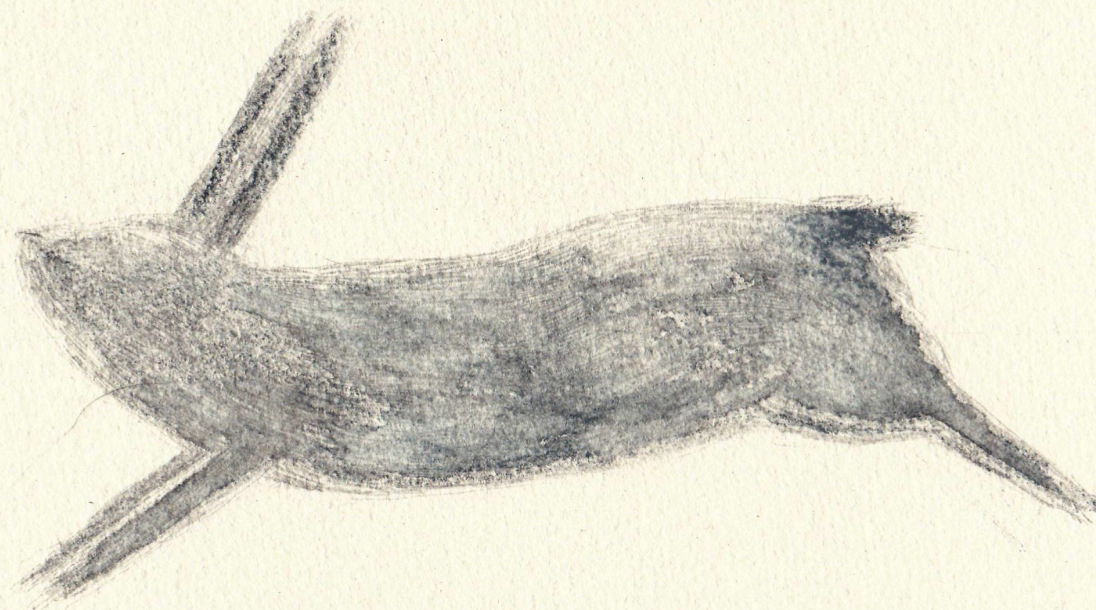


METAMORFOSES DE TELECO, UM ESTUDO VISUAL.

Laura Jäger



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Laura Vitória Jäger Silva

METAMORFOSES DE TELECO, UM ESTUDO VISUAL.

Trabalho apresentado a banca examinadora
da Universidade Federal de Uberlândia como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais.

Uberlândia

2018

Agradecimentos

Ao professor Fábio Purper Machado, pela orientação e apoio à elaboração deste projeto.

A professora Beatriz Rauscher, pelo incentivo à pesquisa acadêmica ao longo da graduação.

A minha família pelo constante apoio no decorrer do curso.

Ao Instituto de Artes, seus professores e alunos, que me proporcionaram experiência e conhecimento.

Aos meus amigos pelo companheirismo.

E a minha gata, Paleta, pela permanência ao meu lado durante a elaboração deste trabalho.

Resumo

Neste trabalho utilizo do conto “Teleco, o Coelhoinho” (Murilo Rubião, 1965) como objeto de estudo para criar desenhos. Para a realização deste projeto me foco unicamente no personagem principal Teleco, e desenvolvo essas imagens a partir de suas transformações ao longo do texto. Para esta pesquisa utilizo o apoio teórico de pesquisadores da área da literatura, como por exemplo Marisa Martins Gama-Khalil e Jorge Schwartz e suas respectivas análises do conto. Como referência visual utilizo dos trabalhos de Daniel Miyares e Eadweard Muybridge.

Abstract

In this work I use the short story "Teleco, the Bunny" (Murilo Rubião, 1965) as object of study to create drawings. For the realization of this project I focus solely on the main character Teleco, developing these images from their transformations throughout the text. For this research I use the theoretical support of researchers in the area of literature, such as Marisa Martins Gama-Khalil and Jorge Schwartz and their respective analysis of the story. As a visual reference I use the works of Daniel Miyares and Eadweard Muybridge.

Palavras-chave: desenho, ilustração, animais, metamorfose, Murilo Rubião.

LISTA DE FIGURAS

Fig 1. Carl Otto Czeschka. Ilustração do Livro “Die Nibelungen”, 1920.

Fig 2. Laura Jäger. Macaco, 2017. Grafite sobre papel.

Fig 3. Laura Jäger. Abelha, 2017. Grafite sobre papel

Fig 4. Laura Jäger. Urso e filhote, 2017. Grafite sobre papel.

Fig 5. Robert Swain Peabody. Sketch at the Johns Hopkins Hospital, 1915.

Fig 6. Jonh Bate. Sem título, 1634

Fig 7. Jonh Bate. Sem título, 1634

Fig 7. Jonh Bate. Sem título, 1634

Fig 8. Jonh Bate. Sem título, 1634

Fig 9. Laura Jäger. Teste do material “carvão”, 2018.

Fig 10. Laura Jäger. Teste do material “tinta nanquim Talens”, 2018

Fig 11. Laura Jäger. Teste do material “Lápis de cor”, 2018

Fig 12. Laura Jäger. Sketches para o conjunto seriado “Teleco”, 2018

Fig 13. Laura Jäger. Barbosa, 2018. Grafite sob papel.

Fig 14. Laura Jäger. Teleco, o coelhinho. 2018. Grafite e lápis aquarelável sobre papel.

Fig 15. Laura Jäger. Teleco, o cavalo. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 16. Laura Jäger. Teleco, o leão. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 17. Laura Jäger. Teleco, o porco-do-mato. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 18. Laura Jäger. Teleco, a pulga. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 19. Laura Jäger. Teleco, o bode. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 20. Laura Jäger. Teleco, o dodó. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 21. Laura Jäger. Barbosa, o canguru. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 22. Laura Jäger. Teleco, o cachorro. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 23. Laura Jäger. Teleco, a cotia. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 24. Laura Jäger. Teleco, o pavão. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 25. Laura Jäger. Teleco, a cascavel. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 26. Laura Jäger. 2018. Teleco, o lagarto. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

Fig 27. Laura Jäger. 2018. Teleco, a metamorfose. Carvão e nanquim sob papel.

Fig 28. Laura Jäger. 2018. Detalhe da obra “Teleco a metamorfose”.

Fig 29. Laura Jäger. 2018. Detalhe da obra “Teleco a metamorfose”.

Fig 30. Laura Jager. 2018. Teleco, o carneirinho. Lápis aquarelável sob papel.

Fig 31. Laura Jager. 2018. Teleco. Nanquim.

Fig 32. Laura Jäger. 2018. Detalhe da obra “Teleco”. Nanquim

Fig 33. Eadweard Muybridge. Studies of Foreshortenings. Horses. Running. Mahomet.
1879.

Fig 34. Daniel Miyares. Sem título. 2018

Fig 35. Daniel Miyares. Sem Título. 2018.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	5
INTRODUÇÃO.....	9
ESTUDO VISUAL DOS ANIMAIS METAMORFIZADOS POR TELECO.....	10
SOBRE MIM.....	11
DIANTE DE MIM ESTAVA UM COELHINHO CINZENTO.....	14
INVESTIGAÇÃO E LEITURA DO CONTO “TELECO, O COELHINHO”.....	15
O desenho e a representação.....	19
TELECO, O ANIMAL, E OS VÁRIOS ANIMAIS.....	22
MATERIAIS.....	24
Alguns referenciais.....	63
CONCLUSÃO, DESDOBRAMENTOS DE CRIAÇÃO DA OBRA.....	68
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	70

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado dos fazeres de uma artista ao interpretar um conto de acordo com sua poética e estética de criação. O conto em questão é “Teleco o Coelhoinho”, do autor Murilo Rubião. Para melhor entendimento e significação das imagens que serão posteriormente observadas, é necessária a leitura do conto citado.

Construo, a partir da caracterização do personagem principal, Teleco, uma abordagem ao íntimo da minha identidade como artista.

Seguindo o desdobramento da leitura do conto e criando elementos por meio da relação do personagem com a artista, o conjunto seriado nomeado de “Teleco” é apoiado por uma metodologia que engloba não apenas o campo da criação artística mas também da análise do fantástico e do sobrenatural na obra.

ESTUDO VISUAL DOS ANIMAIS METAMORFIZADOS POR TELECO

No decorrer do curso de Artes Visuais na UFU, somos constantemente postos a responder perguntas que identifiquem nossa poética durante o percurso como alunos. Às vezes pelo medo de não querer ficar atrás na turma, improvisamos possíveis ideias que são encontradas no nosso trabalho, e assim concretizando elas como as próprias “poéticas”. Lembro que ao meio do curso chegava a imaginar essa grande questão de identidade como algo assustador, porém que teria uma resposta que encontraria no final desta caminhada. Agora que estou no último estágio, o momento em que me despeço dessa caminhada, retorno com a conclusão para minha Laura de 3 anos atrás, e para aqueles que também me fizeram essa pergunta.

Assim como Teleco que usa ora uma imagem ora outra, produziu uma imagem e depois produziu outra totalmente diferente. Percebi que essa angústia, que me atingia por não conseguir nem ao menos inventar uma resposta, poderia ser usada como ferramenta para criação.

Teleco, ao fim de sua história, se torna quem ele sempre quis, com um preço que acarreta em sua morte, no entanto em todo momento de transição ele criava um novo momento ao leitor de visualizar um animal diferente, que carregava emoções e sentimentos diferentes. O constante fator da mudança e o hábito de não se identificar consigo mesmo, talvez esses sejam os principais pontos que me atraíram no personagem.

SOBRE MIM

Meu envolvimento com a área das artes se iniciou cedo. Tenho memórias de desenhar nas paredes de casa aos 4 anos de idade. Formas abstratas que alertaram meus pais e com isso pude ter o incentivo artístico por meio de cadernos, giz de cera e vários livros infantis ilustrados.

Ingresso no curso de Artes Visuais – UFU no ano de 2013. Motivada pelo interesse no desenho me direciono ao aprendizado de várias técnicas e uso de materiais que poderiam contribuir ao processo de criação da imagem no papel. Dentre eles a gravura em metal, o nanquim e o próprio grafite são as técnicas e materiais que definiram minhas ferramentas e a identidade visual do meu trabalho.

Começo a desenvolver meus primeiros trabalhos autorais quando aprofundo meus estudos na ilustração, ainda que carregando diversos questionamentos sobre o papel desta linguagem no contexto da arte dentro da academia. Quando me deparei, em meados de 2014, com obras do livro “Die Nibelungen”, do ilustrador Carl Otto Czeschka, criei um interesse imediato tanto na questão visual, de ser uma imagem que me agrada esteticamente, quanto na questão funcional, de ser uma obra que tem uma finalidade, a de contar uma história.

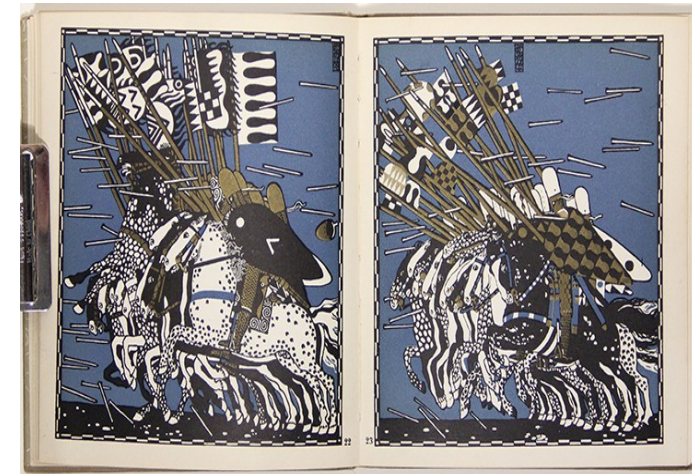


Fig 1. Carl Otto Czeschka. Ilustração do Livro “Die Nibelungen”, 1920.

Começo a me interessar por criar formas figurativas que pudessem ser lidas por crianças, e que poderiam ter um espaço no mundo imaginário infantil. Logo surge meu primeiro trabalho autoral, um conjunto seriado feito utilizando do grafite para compor animais, neste conjunto faço do grafite uma forma de colocar a sutileza e traços firmes para compor animais explorados no imaginário infantil.

Colocado meu interesse na criação de ilustrações desenvolvidas para o campo dos livros ilustrados infantis, começo a investigar e propor criações que pudessem explorar a arte figurativa, com o uso da metodologia e reflexões artísticas aprendidas durante o curso de artes visuais. Apesar da imagem do livro infantil ser focada para uma faixa etária específica, são enormes as possibilidades de construção da imagem que pode ser lida tanto por uma criança quanto por um adulto.



Fig 2. Laura Jäger. Macaco, 2017.
Grafite sobre papel.



Fig 3. Laura Jäger. Abelha, 2017. Grafite sobre papel



Fig 4. Laura Jäger. Urso e filhote, 2017. Grafite sobre papel.

DIANTE DE MIM ESTAVA UM COELHINHO CINZENTO

Sempre tive muito apreço ao gênero de literatura fantástica, sendo o meu escritor favorito o colombiano Gabriel García Márquez, autor do premiado “Cem anos de solidão”. Logo, para este trabalho de conclusão de curso, quis construir algo relacionado a um texto deste gênero, junto a minha vontade de criar uma imagem de caráter figurativo.

Já tendo lido também alguns contos do autor mineiro Murilo Rubião, me veio à memória o personagem Teleco. Protagonista do conto que leva seu nome, Teleco é um personagem que coloca críticas à sociedade e ao comportamento humano, por meio de suas mudanças de imagem. Via-me encantada pelas habilidades do coelhinho, e a partir desta lembrança resolvi utilizar o animal como um ponto inicial de investigação do trabalho.

O que me interessa em Teleco não é sua crítica ou papel no conto, mas sim sua identidade efêmera. Sua breve passagem, que vai desde seu surgimento repentino na história até sua morte descrita no texto, é repleta de momentos de “ser uma imagem” e de se transfigurar em outras. E neste aspecto que encontrei a abertura para explorar e propor um estudo poético visual baseado na constante mudança de uma alegoria e suas representações, construído pela imagem gráfica de caráter ilustrativo.

INVESTIGAÇÃO E LEITURA DO CONTO “TELECO, O COELHINHO”

Partindo do objetivo de ilustrar as metamorfoses de Teleco, utilizo, para fins de melhorar o entendimento do conto, a análise da pesquisadora Marisa Martins Gama-Khalil, “As metamorfoses do Corpo e a construção do fantástico nas obras de Murilo Rubião” (2013), e a leitura comentada do autor Jorge Schwartz, “Murilo Rubião, Literatura comentada” (1981).

“Teleco o Coelhoinho” aparece pela primeira vez em 1965, na coletânea de textos “Dragões e outros contos”. Por meio dessa coletânea Rubião dá continuidade ao tema da metamorfose, assunto já abordado em outros contos seus. Conforme explica Schwartz sobre o tema:

As transformações contínuas dos personagens revelam uma tentativa vã de adaptação a um mundo onde não há mais lugares para valores como a pureza e a inocência. O clima lúdico desses contos serve para mascarar questões profundas da existência humana. (SCHWARTZ, 1981, p. 43)

A metamorfose, termo normalmente encontrado em livros específicos sobre a natureza dos insetos, é a mudança de um corpo a outra forma. Para o trabalho em questão a metamorfose é o grande motivador e uma constante entre os elementos aqui reunidos: o personagem Teleco, a artista e sua criação. Teleco, num gesto de agradar quem está a sua volta, se transmuta em outros animais. Entretanto, após se corromper pelo sonho de

ser homem, seu poder foge ao seu controle, resultando em sua morte, conforme explica Khalil ao analisar o conto;

já as [transformações] de Teleco, no princípio, dão a impressão de metamorfose controlada, como os gênios dos contos maravilhosos. Contudo, logo ficamos a par de que, ainda que ele tivesse certo controle sobre as transformações, algo o impedia de lidar com esse poder de forma controlada, seu desejo de ser homem. E em consequência desse desejo ele morre. (p.55)

No momento que o personagem tenta executar o único desejo real a si mesmo, ele perde o controle de seus poderes e conseqüentemente de sua vida. Semelhante a este trágico processo de Teleco, o mesmo efeito e causa na vida do artista, a busca por sua identidade poética que por consequência desenvolve várias metamorfoses e ressignificações da sua arte e criações.

Para Noyes, em “The Gate of Appreciation: Studies in the relations of Art to Life”, o desejo por mudança é apenas o desejo de crescer que ainda não achou sua direção. Encontrar-se como artista é uma questão íntima a todos que se aventuram no campo: somos motivados pelo ego a agradar, assim como Teleco, aqueles que avaliam nossas criações (e a nós mesmos) e, por fim, ficamos dependentes do fruto final dessa experiência, encontrar nossa poética.

Sinto que Rubião, ao criar Teleco, coloca o leitor como seu principal confidente. Sua narrativa em primeira pessoa faz com que o leitor tenha como experiência identificar, nas transições do animal e em seu contexto de história, sentimentos humanos. Sendo

uma admiradora do gênero de literatura fantástica, me direcionei às obras de Rubião antes mesmo da realização desse trabalho de conclusão de curso, a princípio justificando a escolha do autor e sua respectiva obra para a pesquisa, pelo apreço pessoal ao conto. No entanto, após o comprometimento e realização das primeiras investigações no conto “Teleco o Coelhoinho”, reconheci que o objeto em questão não carregava apenas um gosto pessoal. O conto utiliza da fábula para mostrar algumas características inerentes ao ser humano, sendo representadas pelos animais (SCHWARTZ, 1981). O orgulho demonstrado por Teleco ao se transmutar em um pavão, ou a inocência e fragilidade figurada na imagem do carneirinho. No entanto, visualizo neste conto um ponto de interesse além desta crítica; encontro na escrita de Rubião a oportunidade de criar um objeto visual que converse com a pureza desses animais, mesmo que em grande maioria não inclua uma pureza de inocência, e sim de ser unicamente uma ferramenta de expressão. Inicialmente me atentei, de maneira ampla, tanto aos personagens, que tem a função de narrar a história do homem que encontra Teleco, quanto ao próprio coelho e outros personagens coadjuvantes, como Teresa e os vizinhos. Cada um possui sua importância singular ao contexto histórico construído por Rubião, porém o que me fascinava ao ler o conto era a imagem e papel dos animais incorporados pelo coelho. Ao se transformar em um cavalo, Teleco faz tal ato para agradar seus novos vizinhos e seu novo amigo. O narrador parte para uma descrição afetuosa de Teleco, ele se torna manso, prestativo, o cavalo ajuda crianças e idosos, uma imagem criada pela palavra de alguém que convive e tem sentimentos pelo coelho. Depois de me interessar por esses momentos em que é possível visualizar a imagem de

Teleco pela descrição do narrador, e o que ele pretende passar na imagem de determinado animal, amadureci meu pensamento como artista em considerar um possível projeto seriado, onde o foco se estabeleceria unicamente nos animais apresentados no texto.

O desenho e a representação.

Jacques Rancière, na obra “O destino das imagens”, reflete a relação entre a palavra e a sua representação “como modo específico da arte”. Para criar uma representação artística das identidades assumidas por Teleco, escolho o desenho como técnica.

Por meio deste conjunto seriado procuro estabelecer uma relação prática entre o desenho e a representação de uma imagem literária. O desenho tem sua função variada em todos os campos nos quais é utilizado. Quando feita uma pesquisa utilizando o termo como palavra-chave de busca, encontro curiosos usos em que o desenho foi aplicado, grande parte desse uso se deu pela falta de tecnologia ao registro de imagens.

Na figura 5 o desenho foi criado com a intenção de representar áreas dos hospitais que são comentados no texto. Com um caráter de ilustrar as obras arquitetônicas dos hospitais, o livro “Hospital Sketches” de Robert Swain Peabody, reúne uma coleção de variadas ilustrações dos hospitais junto aos relatos do artista, Peabody.

Já na figura 6 o ilustrador utiliza do desenho para criar um “Fire Drake”, ou um dragão de fogo. Ao encontrar a publicação datada de 1634, me impressionei pela tamanha versatilidade e criatividade utilizada para a criação dos desenhos. Imagens que possuem o objetivo simples de mostrar o resultado de experimentos e que contemplam questões estéticas da época. Aqui como exemplo temos respectivamente (figura 5 e 6) o objeto em destaque na qual a instrução no livro ensina a fazer, e seu resultado em demonstração com o homem representado na imagem.

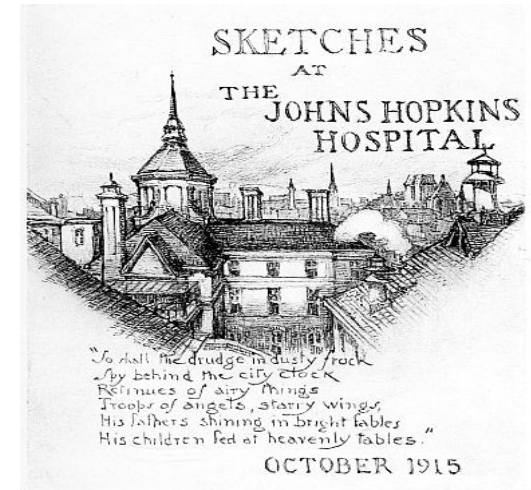


Fig 5. Robert Swain Peabody.
Sketch at the Johns Hopkins
Hospital, 1915.

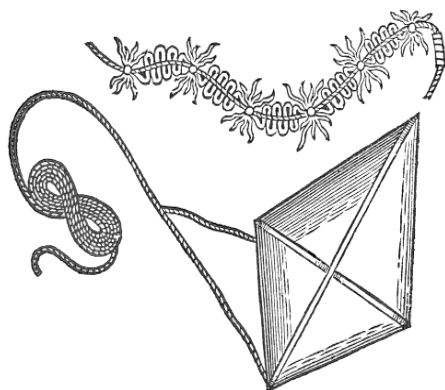


Fig 6. Jonh Bate.

Sem título, 1634

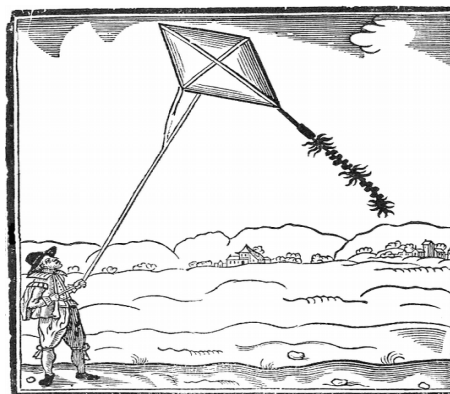


Fig 7. Jonh Bate.

Sem título, 1634

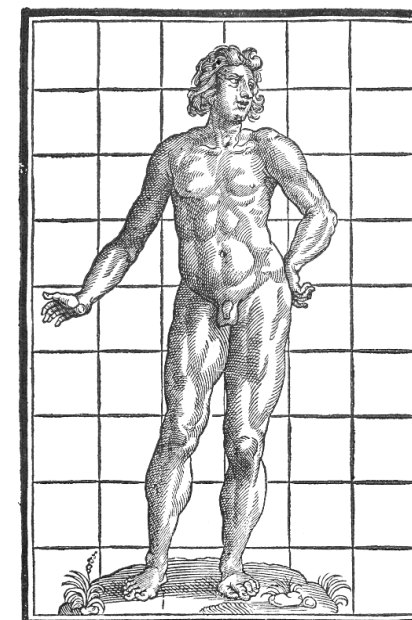


Fig 8. Jonh Bate.

Sem título, 1634

Além de experimentos e máquinas o livro “The Mysteryes of Nature and Art” também traz outro uso importante do desenho, desta vez um uso conhecido e bem explorado atualmente no desenho artístico. A publicação também segue o mesmo padrão de imagem e logo em seguida a instrução para realizá-la, aqui podemos observar a técnica de criação de um desenho figurativo (figura 8). Para Emma Dexter, em “To Draw is to be Human” (2005), o desenho está em todo lugar, desde pegadas no chão até o baforar do vapor em uma janela. Aqui a autora coloca sentimentos e leituras que podem ser associados ao ato de desenhar.

Depois, há o outro aspecto do desenho elaboradamente cultivado, não baseado em uma compreensão teórica ou filosófica do desenho, mas nas áreas da experiência humana a que o desenho chegou a ser associado: intimidade, informalidade, autenticidade (ou, pelo menos, com autêntica inautenticidade), imediatismo, subjetividade, história, memória, narrativa. (DEXTER, 2005)

Para este trabalho o uso do desenho significa estabelecer uma intimidade com o personagem que ilustro, criando uma atmosfera de traços e aguada onde existe apenas o personagem em questão, sem a necessidade de conter um fundo ou a representação de outros personagens do conto.

TELECO, O ANIMAL, E OS VÁRIOS ANIMAIS

Depois da leitura do texto parti para o desenvolvimento de como essas imagens seriam criadas. Separei em 5 momentos de desdobramento das obras.

1º momento

O coelhinho cinzento origina o primeiro momento das ilustrações, dele seguem as transformações que desencadeiam o conto. Até o primeiro momento as ilustrações permanecem com uma estética similar, sendo criadas na aguada da tinta nanquim e lápis de cor preto e possuindo majoritariamente o mesmo formato de tamanho tanto no papel quanto das imagens feitas.

2º momento

Aqui encontramos a imagem que é criada após o primeiro desentendimento e momento de tensão no texto. O aparecimento de personalidade de Teleco, Barbosa, sua forma em canguru, já é feito com uma certa plasticidade gráfica, onde o nanquim é usado de maneira menos diluída na água. Com o material represento a transformação que mais se destaca no conto. Mesmo possuindo o mesmo tamanho de papel, disponho ele verticalmente para criar uma ruptura com as outras transformações de Teleco.

3º momento

Segue o momento onde Teleco volta de sua transformação do canguru, e retorna a sua fragilidade como outros animais, transtornado pelos sentimentos que invadem seu corpo, pela morte de sua companheira. Represento esses animais seguintes utilizando apenas da aguada, sem criar o contorno inicial do lápis. Meu objetivo é criar a sensação de maior efemeridade ainda, numa relação com a falta de controle e desespero em cada animal figurado por Teleco.

4º momento

Teleco é descrito no texto como uma constante mudança de formas, apesar de o autor transcrever o tempo como “dias”, desenvolvo a partir desta fase uma única obra, que é feita por várias outras. Vários animais em uma única forma sem identidade ou feição única, um amontoado de mudanças. Para este trabalho represento por meio do grafismo exacerbado as múltiplas identidades, a nanquim, o lápis de cor, e o carvão puro são as ferramentas me auxiliam a construir imagens de caráter variado, desde tamanho até sua disposição no espaço geral da obra.

5º momento

Finalizando o trabalho, extraio do conto os momentos finais de Teleco. O carneirinho e a criança morta fecham o conjunto seriado. Através do grafite com o risco mais fraco, represento o carneiro e sua pureza ao momento final, e com o grafite e seu risco mais forte ao papel, represento a concretização do sonho de Teleco ao se tornar humano.

MATERIAIS

Durante o desenvolvimento e elaboração deste trabalho, procurei e testei materiais que poderiam servir de ferramentas para o processo de desenhar. A fim de encontrar o que melhor se encaixaria com meu estilo e preferências a uma imagem gráfica, produzi como teste imagens utilizando carvão e nanquim.

Para esse teste estabeleci uma metodologia onde primeiramente iria ser testado o risco do material na folha e quando seco esse risco foi submetido ao pincel com água. Logo em seguida o material puro no formato geométrico de um quadrado, o material riscado já com a água em sua mistura, finalizando o teste, o risco do material na folha quando criada uma imagem figurativa. Como os resultados me agradaram decidi manter os elementos testados como minhas ferramentas para a execução dos futuros desenhos.

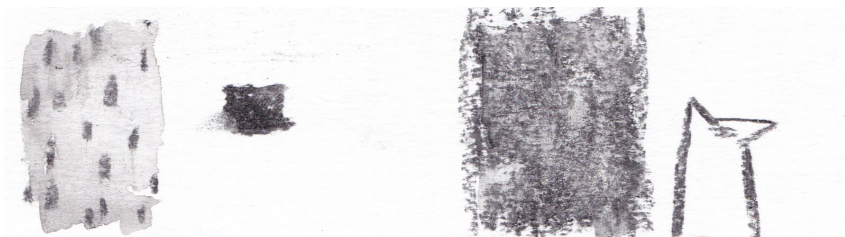


Fig 9. Laura Jäger. Teste do material “carvão”, 2018.



Fig 10. Laura Jäger. Teste do material “tinta nanquim Talens”, 2018

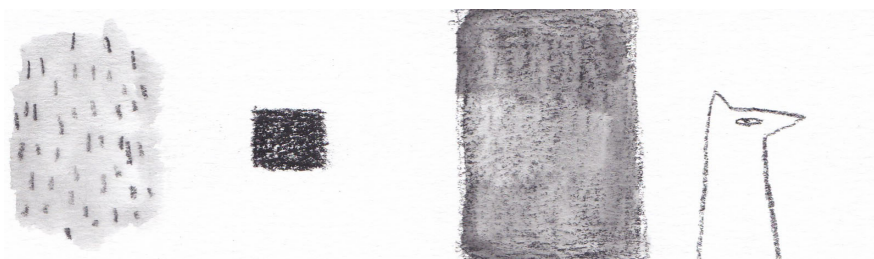


Fig 11. Laura Jäger. Teste do material “Lápis de cor”, 2018

A partir da criação de imagens visando o comportamento dos materiais, complemento o teste adicionando a questão do suporte, no caso o papel de gravura em metal. O papel, especificamente da marca alemã Hahnemühle, entrou como opção depois de uma rápida pesquisa quando me deparei a problemática de quais suportes poderiam tolerar os materiais escolhidos, como por exemplo a liquidez da tinta nanquim.

Quando colocado em comparação a outros papéis de maior espessura de gramatura, como por exemplo o papel de aquarela, o Hahnemühle apresentou uma textura mais agradável no quesito estético.

Para iniciar os procedimentos práticos do trabalho, fiz uma série de *sketches* (rascunhos) onde o objetivo foi visualizar de maneira geral o formato e os materiais que eu usaria no conjunto seriado. Comecei os primeiros desenhos imaginando uma total diferença entre eles, seja no tamanho do papel ou no estilo gráfico deles. Quando criei essas primeiras, pensava que os animais de Teleco seriam totalmente únicos inclusive como imagens gráficas, por isso ao primeiro momento cada animal seria feito com uma técnica e tamanho diferente. Esses rascunhos tinham um foco um pouco mais detalhado onde se encontravam os animais referentes na história, por isso eles foram contextualizados na hora de serem criados.

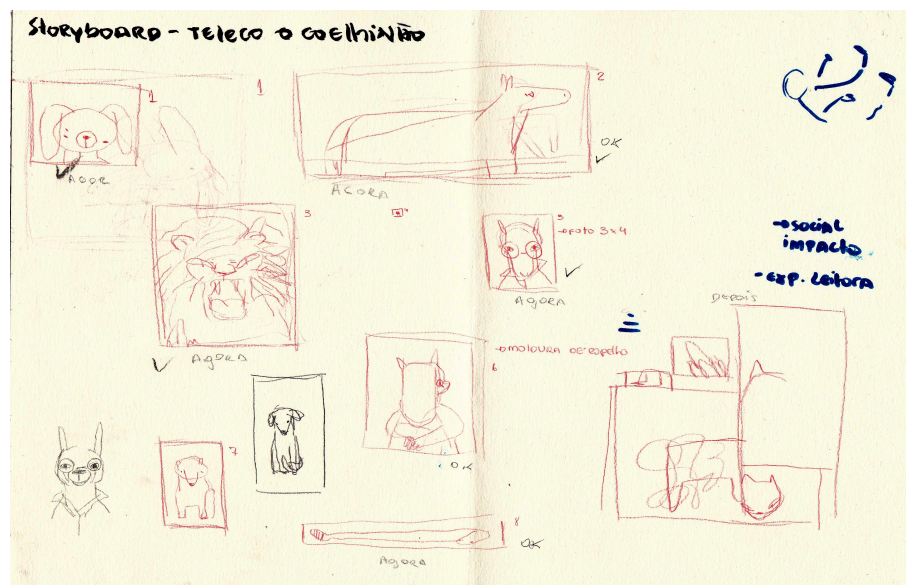


Fig 12. Laura Jäger. *Sketches* para o conjunto seriado “Teleco”, 2018

Como por exemplo, o Leão foi criado de acordo com seu contexto de assustar os moradores. E o Canguru foi feito num papel com o formato 3x4 para se relacionar à fotografia de identidade, com o fato de este ter se “tornado” um homem na história.

Após conceber essas primeiras imagens, me senti insatisfeita, pois estava me prendendo muito minha arte ao texto. E o objetivo de uma ilustração pode até ser esse, mas também pode ir além. No meu caso, utilizo do meu papel como uma artista ilustradora para conceber imagens que possuem seu significado e imagens referentes a um texto, mas que são construídos por uma estética e interpretação relacionadas à minha poética.



Fig 13. Laura Jäger.
Barbosa, 2018
Grafite sobre papel.

Meu objetivo se tornou criar imagens que tivessem mais independência do conto e que se ligassem mais entre formas únicas (momento 1) para depois, criar um momento de desprendimento total em uma única imagem (momento 4). Feita essa conexão entre as imagens, e estabelecida a estrutura dos grupos das obras, procedi à escolha de materiais e questões técnicas.

No total foram contabilizadas 16 figuras a serem criadas.

- 14 animais
- 1 figura humana
- 1 figura sem identidade definida (feita pela criação de vários retalhos de outros animais)

Para a questão de estrutura técnica do trabalho estabeleci uma padronização quanto ao formato do papel (26 cm largura x 15 cm altura), essa padronagem foi aplicada a 16 figuras, desta maneira 15 figuras de animais e a figura final humana. Já para o trabalho que deveria possuir o maior impacto em relação ao conjunto seriado decidi construir o mesmo com um formato maior (78x106cm).



Fig 14. Laura Jäger. Teleco, o coelhinho. 2018. Grafite e lápis aquarelável sobre papel.

“À noite – prosseguiu – serei cobra ou pombo. Não lhe importará a companhia de alguém tão instável?”

Coelho

O primeiro animal a de fato aparecer na história é Teleco, o coelhinho. Nomeando até mesmo o conto, Teleco é descrito em sua aparência como um coelhinho cinzento, carismático. É a partir dele que se inicia todo o processo de transmutação em outras figuras, talvez a origem de todas as outras. Podemos colocar Teleco como o dispositivo inicial de arte nesta série, mesmo não sendo claro se essa foi a primeira forma figurativa de Teleco em sua vida, já que isso não é relatado no texto. Para a criação da imagem de Teleco utilizei de grafite (HB) e lápis aquarelável Koh-I-Noor, da cor 34 (Cinza Azulado Claro). Tive como intenção criar uma imagem que passasse delicadeza, efemeridade, uma imagem pronta para desaparecer a qualquer momento. Neste desenho Teleco não possui expressões faciais, muito menos olhos ou boca, ele é a forma mais pura, como se fosse apenas uma névoa em formato de um coelho.



Fig 15. Laura Jäger. Teleco, o cavalo. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“O mesmo cavalo que, pela manhã, galopava com a gurizada, à tardinha, em lento caminhar, conduzia anciãos ou inválidos às suas casas.”

Cavalo

Ao ilustrar o cavalo propus criar uma imagem que se seguisse um estilo mais *naïf*, simplificando as formas. O cavalo é o animal que se relaciona com crianças e idosos, por isso sua imagem deveria passar delicadeza. Aqui tenho como intenção retratar um certo movimento na imagem do animal, construindo sua forma com as patas em movimento do andar. Fico muito satisfeita de como a aguada do nanquim se comporta no papel, dando autenticidade e espontaneidade a figura.



Fig 16. Laura Jäger. Teleco, o leão. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“Não simpatizava com alguns vizinhos, entre eles o agiota e suas irmãs, aos quais costumava aparecer sob a pele de leão ou tigre. Assustava-os mais para nos divertir que por maldade.”

Leão

O terceiro animal é o Leão. O leão inaugura a primeira fase, onde utilizo como material a nanquim misturada com água, e o lápis de cor aquarelável Koh-I-Noor cor 36 (Preto). Para o formato e a base de cor a nanquim é utilizada e para criar o grafismo, uso o lápis, com ele crio os pelos e as feições faciais do animal. Como observação a ser colocada, no texto Rubião coloca que Teleco “costumava aparecer sob a pele de leão ou tigre.” utilizo da escolha de ilustrar apenas um dos animais citados, sendo definido o leão para este.



Fig 17. Laura Jäger. Teleco, o porco-do-mato. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“Apenas uma vez tive medo de que as travessuras do meu irrequieto companheiro nos valessem sérias complicações. Estava recebendo uma das costumeiras visitas do delegado, quando Teleco, movido por imprudente malícia, transformou-se repentinamente em porco-do-mato.”

Porco-do-mato

O porco-do-mato é retratado como um animal resultante do sentimento momentâneo de travessura, malícia de Teleco. Para demonstrar essa volátil mudança nos seus sentimentos, coloco um pouco mais de pigmento na aguada de nanquim, deixando a imagem com um caráter um pouco mais rudimentar.



Fig 18. Laura Jäger. Teleco, a pulga. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“A mim também me pregava peças. Encontrava-se vazia a casa, já sabia que ele andava escondido em algum canto, dissimulado em algum pequeno animal. Ou mesmo no meu corpo sob a forma de pulga, fugindo-me dos dedos, correndo pelas minhas costas.”

Pulga

Para a pulga tive como objetivo criar uma imagem que brincasse com a dimensão do animal e de como ela é descrita. Por ser um inseto utilizei do seu tamanho e desenhei apenas um ponto; apesar da sua dimensão, uso dos mesmos materiais já colocados. Aqui a relação espaço de tela e obra é o que mais me chama atenção.



Fig 19. Laura Jäger. Teleco, o bode. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“Debaixo das minhas pernas crescera um bode que, em disparada, me transportava até o quintal.”

Bode

O bode é feito com os mesmos materiais citados anteriormente, para ele dou uma imagem que ao mesmo tempo é estática, também demonstra movimento por conta da sua ação no texto. A mancha é produzida pelo excesso de nanquim na água já depositada no papel.



Fig 20. Laura Jäger. Teleco, o dodó. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“Amava as cores e muitas vezes surgia transmutado em ave de todas as espécies inteiramente desconhecidas ou de raça já extinta.”

Ave de espécime extinta (Dodó)

Uma das figuras que mais me possibilitou liberdade na criação neste projeto foi proveniente desta parte específica do texto. Quando fiz a leitura do conto me perguntei diversas vezes se esse momento contaria como uma das transformações de Teleco, já que ele não especifica a ave. Decidi que por conta do ato estar explícito eu mesma deveria retirar da minha interpretação uma ave específica para a ilustração do momento. Mesmo que aqui seja claro a problemática do uso de cores, continuo utilizando da mesma paleta de cor já justificada. Elejo o “Dodó” como a ave de “raça extinta” para ilustrar essa transmutação. O dodó é conhecido por sua trágica história da extinção de sua raça, causada pela sua falta de medo dos navegantes que caçavam a ave para alimentar a tripulação de suas embarcações.



Fig 21. Laura Jäger. Barbosa, o canguru. 2018
Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“De mãos dadas, sentados no sofá da sala de visitas, encontravam-se uma jovem mulher e um mofino canguru.”

Barbosa

Início a segunda fase da estrutura do conjunto seriado com seu único representante, a transformação para o animal canguru, ou como Teleco se renomeia a partir desta mudança, “Barbosa”. Barbosa se considera homem, veste gravata de homem, age como homem, no entanto sua imagem caracterizada pelo autor do conto é a de um canguru. Como simbologia de ruptura com o conjunto dos animais anteriormente representados, a imagem de Barbosa é criada com o suporte na vertical, indicando sua proximidade ao homem.



Fig 22. Laura Jäger. Teleco, o cachorro. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“Estava, uma noite, precisamente colando exemplares raros, recebidos na véspera, quando saltou, janela adentro, um cachorro.”

Cachorro

A série retoma as características de formato do 1º momento — Teleco, arrependido de sua fuga como Barbosa, volta como um cachorro ao narrador. Neste momento invisto propositalmente em imagens menores, como se a presença de Teleco aos poucos fosse diminuindo. O desenho traz uma sensação de fragilidade, e como conjunto, a imagem vai se transportando progressivamente para o lado direito inferior da tela. Volto a utilizar o papel na horizontal e também a nanquim mais aguada, e os traços são construídos com o lápis preto aquarelável.



Fig 23. Laura Jäger. Teleco, a cotia. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“– Sou o Teleco, seu amigo, afirmou, com uma voz excessivamente trêmula e triste, transformando-se em uma cotia.”

Cotia

A metamorfose de Teleco vai se direcionando para animais cada vez menores, dessa vez uma Cotia. O animal é conhecido por sua timidez, Teleco transparece isso ao ter sua voz caracterizada como “trêmula e triste”.

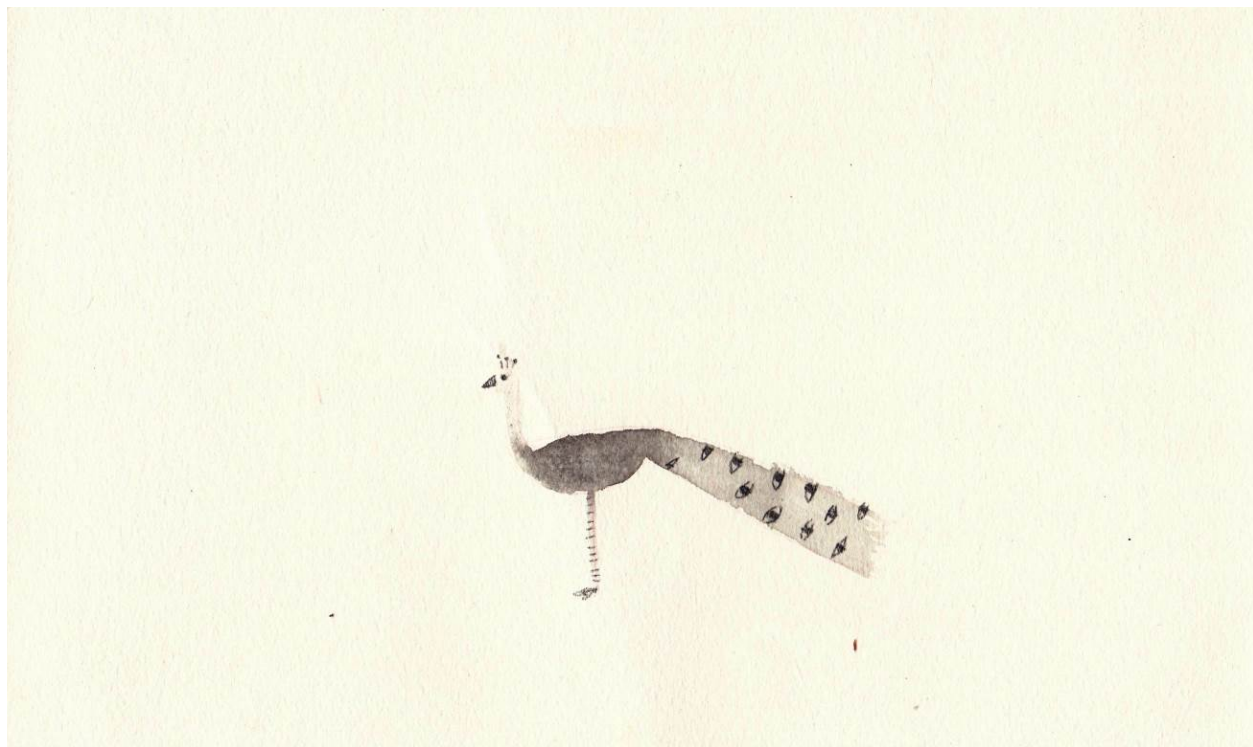


Fig 24. Laura Jäger. Teleco, o pavão. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“-Tereza... sem que concluísse a frase, adquiriu as formas de um pavão.”

Pavão

Evocando o sentimento de orgulho e vaidade exacerbada em Teresa, o animal se transforma em um pavão. Mesmo que aqui Teleco seja um transmissor de uma característica dada a um terceiro personagem, ele ainda sofre com seus próprios pensamentos e decepções conseqüentes de sua fuga e aventura com a mulher. Para representar as penas do pavão, utilizo o olho como recurso gráfico. E para construir uma imagem que melhor se adequava ao padrão de perfil, deixo o animal com as penas abaixadas.

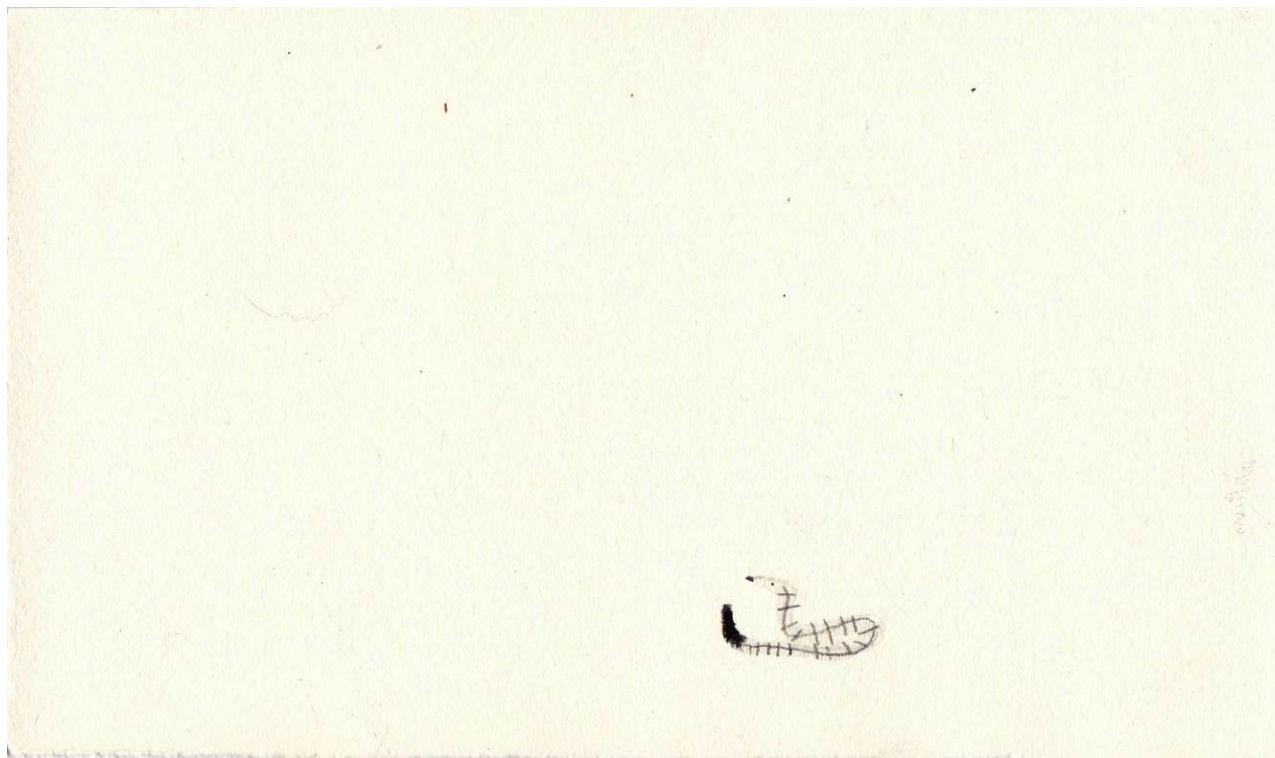


Fig 25. Laura Jäger. Teleco, a cascavel. 2018. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“Havia muitas cores... O circo... Ela estava linda... Foi horrível... Prosseguiu, chocalhando os guizos de uma cascavel.”

Cascavel

Para a metamorfose de cascavel, faço uso do degradê da cor branca a um cinza escuro, chegando a uma nuance de preto no guizo. Por ser uma imagem com dimensão pequena resolvo construir a linhagem e seguimento da cobra por meio da linha, evitando o uso da representação das escamas.



Fig 26. Laura Jäger. 2018. Teleco, o lagarto. Lápis de cor aquarelável e nanquim aguada sobre papel.

“-Não posso, tartamudeava, sob a pele de um lagarto.”

Lagarto

Esta frase, dita por Teleco, é a resposta quando o narrador lhe pede para ficar mais calmo. Teleco, transtornado pelo momento de descontrole de seus poderes, se transforma em um lagarto. O animal representado aqui finaliza o terceiro momento deste conjunto. Sua imagem é feita com o posicionamento à direita, como se estivesse se afastando cada vez mais de quem era, e se aproximando ao momento de maior ênfase de seu desespero.

TELECO, A METAMORFOSE.



Fig 27. Laura Jäger. 2018. Teleco, a metamorfose. Carvão e nanquim sobre papel.



Fig 28. Laura Jäger. 2018. Detalhe da obra "Teleco, a metamorfose".

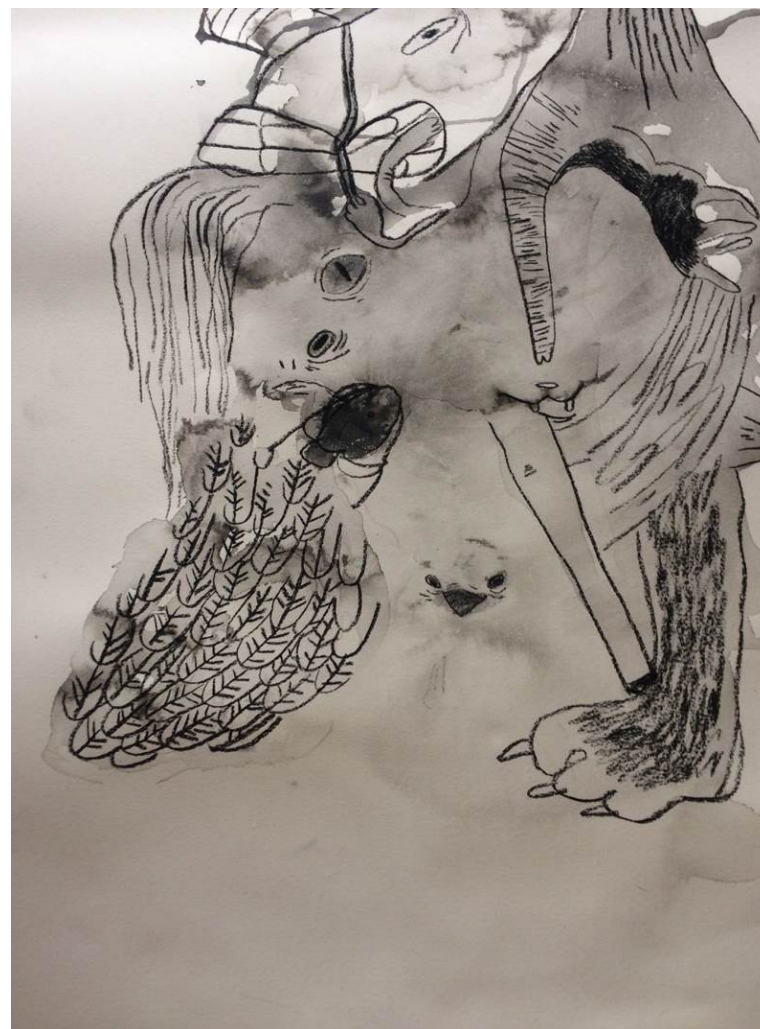


Fig 29. Laura Jäger. 2018. Detalhe da obra "Teleco, a metamorfose".

METAMORFOSE

Alguns dias transcorridos perdurava o mesmo caos. Pelos cantos, a tremer, Teleco se lamuriava, transformando-se seguidamente em animais os mais variados. Gaguejava muito e não podia alimentar-se, pois a boca, crescendo e diminuindo, conforme o bicho que encarnava na hora, nem sempre combinava com o tamanho do alimento. Dos seus olhos, então, escorriam lágrimas que, pequenas nos olhos miúdos de um rato, ficavam enormes na face de um hipopótamo.

Ante a minha impotência em diminuir-lhe o sofrimento, abraçava-me a ele, chorando. O seu corpo, porém, crescia nos meus braços, atirando-me de encontro à parede.

Não mais falava: mugia, crocitava, zurrava, guinchava, bramia, triscava.

Neste momento único, o personagem se encontra na essência pura de sua habilidade. De forma descontrolada, Teleco se vê numa inconsistência de sua forma. O narrador, na medida em que pode, tenta auxiliar o amigo, que exhibe sua forma variável ao passar dos dias.

Como ferramenta de representação ao imaginário do conceito de “metamorfose”, criei uma forma abstrata com a fluidez da água sobre o papel. Em seguida procedi ao tingimento dessa forma de água com pequenas gotas de nanquim. Para finalizar a obra em cada espaço em que eu enxergasse alguma forma figurativa na matriz abstrata, utilizei o carvão para demarcar a figura. Minha intenção nesta obra não foi criar um animal específico em cada espaço, mas sim trabalhar com a sensação da angústia do personagem principal ao não se estabelecer de forma singular a um animal.



Fig 30. Laura Jager. 2018. Teleco, o carneirinho. Lápis aquarelável sobre papel.

“Por fim, já menos intranquilo, limitava as suas transformações a pequenos animais, até que se fixou na forma de um carneirinho, a balir tristemente.”

Carneirinho

Aos momentos finais de sua breve história, Teleco se metamorfoza em um pequeno carneirinho. Para a criação do desenho, refleti como explorar a característica da pureza, e para isso retornei ao uso do lápis colorido aquarelável (Cinza Azulado Claro, nº 36), anteriormente usado na primeira imagem, o coelhinho. O desenho se torna claro, conservando apenas a nuance do tom de cinza e o contorno do lápis preto. Já em relação a seu espaço na obra, a figura é localizada no quadrante inferior direito; como já explicado antes, seu espaço denota a fragilidade e efemeridade do personagem.

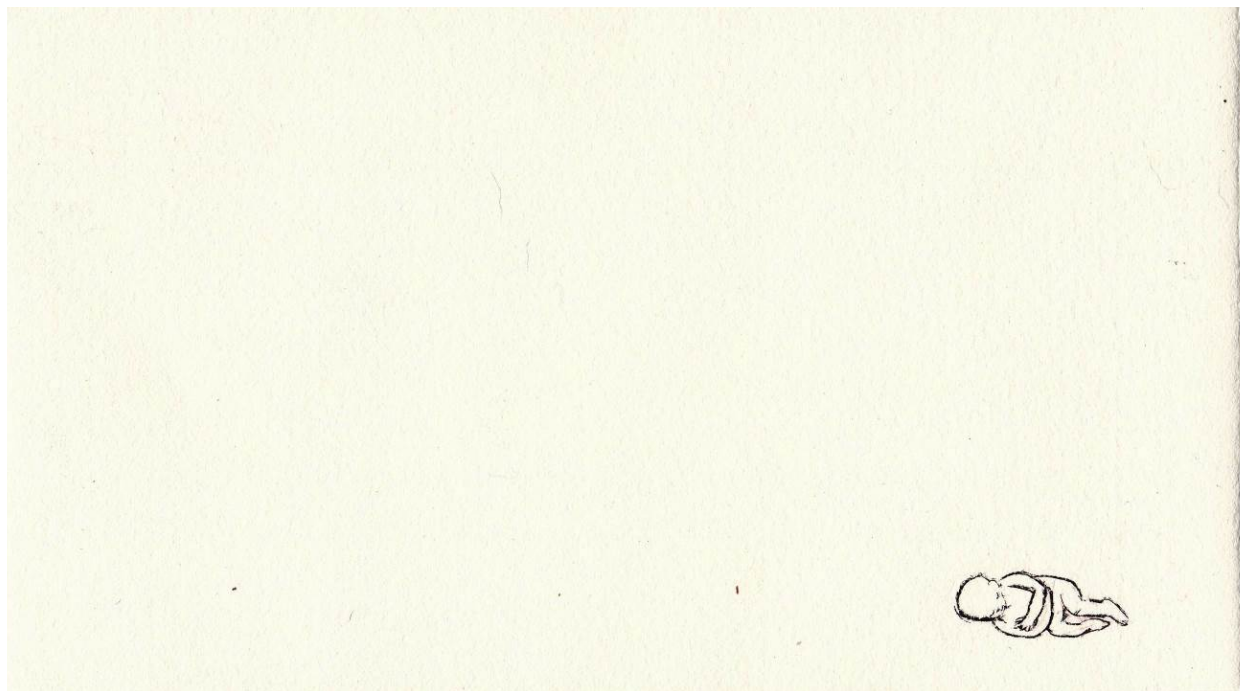


Fig 31. Laura Jager. 2018. Teleco. Nanquim.

“Ao acordar, percebi que uma coisa se transformara nos meus braços. No meu colo estava uma criança encardida, sem dentes. Morta.”

Teleco

Finalizo o conjunto seriado com a última transformação de Teleco. Uma criança. Descrita por sua aparência física como “encardida, sem dentes”, a forma final de Teleco nada mais é que a realização do seu grande desejo em se transformar no homem. Depois de se relacionar com tantas características sociais humanas, o coelho se torna determinado a conseguir se transformar em um homem. Observamos isso no momento em que se torna Barbosa, um canguru, porém aqui a verdadeira forma humanoide aparece na habilidade de Teleco. Para a criação da figura humana utilizo apenas o nanquim, que tem como objetivo dar uma sensação de “concreto” ao momento final do personagem. O desenho é construído apenas com o contorno, a falta de profundidade e preenchimento na figura simboliza a morte do ser e de sua essência.



Fig 32. Laura Jäger. 2018. Detalhe da obra "Teleco". Nanquim.

Alguns referenciais

Como recorte de referências ao trabalho criado, exemplifico obras que possuem ligações estéticas e motivacionais. Por exemplo, a representação de animais e a simbologia referente a transformação ou metamorfose da imagem.

Um dos principais trabalhos a ser citado é “Studies of Foreshortenings. Horses. Running. Mahomet.”, de Eadweard Muybridge, de 1879. Neste conjunto de fotos, observamos como principal motivação da obra extrair do momento fotográfico o movimento do animal ao andar. Com o objetivo de melhorar os treinos dos cavalos de corrida de Leland Stanford, Muybridge criou uma série de fotografias que podiam captar segundos exatos do deslocamento dos animais.

a colaboração, iniciada em 1877, entre Stanford e Muybridge tinha como objetivo fornecer informação visual sobre o movimento animal, útil para o treino de cavalos e atletas humanos (p.249)

Meu interesse nesse trabalho fotográfico é o uso do referencial artístico (cavalo) e seu espaço na obra. O animal é localizado bem ao centro da fotografia, e reage com a repetição do campo de espaço (fundo), transferindo o movimento ao olhar do observador. Esse efeito se concretiza quando todas as outras imagens da série fotográfica são posicionadas lado a lado, o movimento se dá pela mudança corporal do animal enquanto o campo espacial continua estático.



Fig 33. Eadweard Muybridge. Studies of Foreshortenings. Horses. Running. Mahomet.
1879.

Daniel Miyares, apesar de definir seus desenhos como “rabiscos rápidos”, ou, na gíria de língua inglesa, “*doodles*”, utiliza a tinta nanquim como instrumento de criação de traços que são originados de acordo com a fluidez da tinta com a água sobre papel. Em um pequeno poema publicado em uma de suas redes sociais, Daniel (2018) relata seus pensamentos sobre a tinta preta.

*Bottle of Ink
That small glass bottle
Full of thick
Midnight colored ink
Just a vessel
For emotions looking for somewhere to flow.
If spilled out
They stain forever
Anything they come in contact with,

But when applied with intention
Stains become revelations
To be shared and framed.*

Esse poema é acompanhado por um desenho. Nele particularmente me atrai muito a forma e tratamento dados à imagem figurativa de um urso, pelo uso da tinta nanquim.

Exemplificar Miyares como um referencial a este trabalho é importante porque, além de trazer o uso do material como inspiração, o artista é também ilustrador de livros infantis, sendo que aqui utilizamos desse espaço acadêmico para encarar seu trabalho como



Fig 34. Daniel Miyares. Sem título. 2018

obra artística. Como oportunidade de poder observar um trabalho artístico em um meio acessível como as redes sociais, durante esta pesquisa aos referenciais visuais procurei uma forma de contatar o artista para saber um pouco mais sobre sua relação com a tinta preta. Por meio de e-mail a relação respondida pelo artista aqui é transcrita.

Quando eu era uma criança (provavelmente com 4 ou 5 anos de idade), meu pai me deu uma caixa velha com alguns materiais de arte dentro. Tinha uma borracha, uma ponta de caneta enferrujada e uma garrafa de nanquim. As ferramentas eram completamente estranhas à primeira vista para mim, eu rabiscava com a caneta e tinta por horas e horas – até o papel acabar. Mais tarde, já no ensino médio, comecei a usar a tinta para fazer desenhos com o pincel. Eu estava obcecado e acho que para mim a tinta e o pincel englobavam todas as coisas que eu amava no desenho, exceto que era um pouco mais expressivo e selvagem. Você pode ir do escuro mais pigmentado para o claro mais aguado em uma pincelada. E as coisas sempre pareciam acontecer de maneira inesperada e eu gostava disso. Então agora no meu trabalho eu realmente tenho um amor e afeição pela mídia aguada. Apenas parece natural. A tinta ainda é minha maneira favorita de pensar por meio das minhas ideias. (MIYARES, 2018, comunicação por e-mail)



Fig 35. Daniel Miyares. Sem Título. 2018.

CONCLUSÃO, DESDOBRAMENTOS DE CRIAÇÃO DA OBRA

Mediante a finalização deste projeto, reflito sobre o processo de criação e elaboração do trabalho. Iniciando essa reflexão na escolha do conto, percebo que tanto a opção por desenvolver como técnica a ilustração, quanto a questão de pegar um conto por predileção pessoal, foram importantes. A ilustração por ter me dado a experiência de realizar o ensaio e outros procedimentos que são comuns no campo profissional da área. E ao ter escolhido um conto que eu já sabia da história, e já possuía um afeto em relação ao mesmo, pude construir uma imagem que tivesse a demonstração do meu olhar sobre a obra de Rubião.

Seguindo para a estrutura de pesquisa ao trabalho, concluo que um dos elementos importantes a este processo foi a pesquisa que incluiu outra área além da artística, a pesquisa literária. Mesmo que esta tenha sido breve e com o objetivo traçado de uma análise sucinta do conto, ao explorar o material disponível sobre o mundo construído por Murilo Rubião foram encontrados materiais interessantes para possíveis futuros trabalhos que envolvam a literatura fantástica. Alinhar uma área de pesquisa a outra na construção deste trabalho trouxe como resultado a multivisão de um mesmo assunto sob outro olhar de investigação.

Prossigo a conclusão de pesquisa referente à parte prática, onde particularmente é onde percebo um maior ganho em relação aos outros segmentos aqui descritos. Ao criar esse

conjunto seriado de imagens, imaginei que grande parte delas se comunicaria muito mais com o conto do que com meu trabalho, este de fato era um dos meus medos iniciais. Contudo, no percurso dessa criação, esse medo foi apaziguado; percebi que a cada animal pintado eu estava mais envolvida ao fazer da obra. A grande problemática motivadora foi a relação da metamorfose de Teleco com a identidade efêmera do meu conceito como artista. Após uma breve reflexão percebi que minha questão como artista não era em relação ao meu estilo ou modo de criação dos desenhos, mas precisamente quem eu quero atingir no momento em que dou origem a minha arte. Assim como Teleco, minhas metamorfoses conceberam diversos tipos de elementos artísticos ao longo da minha vida, grande parte deles com o objetivo de cativar quem estivesse à minha volta. Quando tive noção da verdadeira questão que me afetava, procurei me aproximar do destino final do coelhinho, realizar algo que realmente me agradasse, mesmo que isso no fim produzisse algo próximo à analogia da “morte”. Teleco, por ter sido um ser corrompido pelo desejo e sentimentos humanos, teve um fim trágico ao seguir o único caminho real à sua vontade, eu como artista reitero a vontade de seguir um caminho profissional voltado aos traços aqui feitos, a ilustração e criação para o público infantojuvenil. Continuarei seguindo um mesmo caminho, com essas mesmas ferramentas, nanquim, carvão e o lápis de colorir.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CAMARGO, Luís. **Ilustração do Livro Infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995. 152 p. (Coleção Apoio).

MIYARES, Daniel (Comp.). **Daniel Myiares**. 2018. Disponível em: <www.instagram.com/danielmyiaresdoodles>. Acesso em: 20 out. 2018.

GARCÍA, Flávio; BATALHA, Maria Cristina. **Murilo Rubião: 20 anos depois de sua morte**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2013. 133 p.

I.B. **The Mysteryes of Natvre and Art::** Contained in foure severall Tretises, The first of water workes, The second of Fyer workes, The third of Drawing, Colouring, Painting, and Engrauing, The fourth of divers Experiments, as wel serviceable as delightful: partly Collected, and partly of the Authors Peculiar Practice, and Invention by I . B. Londres: Ralph Mab, 1634. Imprinted at London for Ralph Mab and sold by John Jackson and Francis Church at the Kings armes in Cheapeside 1634. Disponível em: <www.gutenberg.org/files/47837/47837-h/47837-h.htm>. Acesso em: 20 out. 2018.

PEABODY, Robert Swain. **Hospital Sketches**. Cambridge: The Riverside Press Cambridge, 1916.

RANCIÈRE, Jacques. **O Destino das Imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 151 p. Tradução Monica Costa Netto.

ROSENBLUM, Naomi. **A world history of photography**. 4. ed. Nova York: Abbeville, 2007. 712 p.

RUBIÃO, Murilo. **Obra Completa - Murilo Rubião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 288 p.

SCHWARTZ, Jorge. **Literatura Comentada: Murilo Rubião**. São Paulo: Abril, 1982. 111 p.

ZEEGEN, Lawrence. **Fundamentos de ilustração**: como gerar ideias, interpretar briefings e se promover: uma exploração dos aspectos práticos, filosóficos e profissionais do mundo da ilustração digital e analógica. Porto Alegre: Bookman, 2009.